



AS EXTENSÕES GEOGRÁFICO-CULTURAIS DA DIÁSPORA E AS NOVAS COMUNIDADES JUDAICAS

■ CARLOS ALBERTO PÓVOA*

■ MAURO CRISTIANO DE PAULA SILVA

Resumo: Em contraposição à intencionalidade de retratar a vida judaica europeia, o principal objetivo desta pesquisa sobre a Geografia e a história judaica é ajudar a compreender as diversas diásporas fora do lugar europeu e de suas nomenclaturas, assim como entender os novos ambientes aonde se encontram outras comunidades judaicas “esquecidas” e “desconhecidas” pelas comunidades tradicionais ocidentais. Ao longo dos séculos distintas comunidades judaicas se desenvolveram de forma singular e desigual. Porém, descobriu-se que a diáspora judaica é bem maior do que se imaginou e estudou. Mesmo tendo passado por crises na história mundial, o povo judeu vem mantendo seus costumes e tradições e criaram percepções diferenciadas sobre as suas heranças judaicas e de seu judaísmo, adaptando-se às novas realidades, bem como nos diversos tipos de espaços, território e lugares nos quais ainda vivem em sua complexidade.

Palavras-chave: Judaísmo; comunidades Judaicas; Imigração; Geografia Cultural.

Introdução

Ressalta-se que até o presente momento as Ciências Humanas como a Geografia, a História, a Antropologia, a Demografia e as Ciências Sociais, trataram principalmente de nomear as comunidades judaicas mais intimamente ligadas ao Ocidente – ao mundo Ocidental – Europa, ou seja, as Ashkenazitas e Sefaraditas.

Há muitos séculos outras comunidades judaicas além de nossos horizontes se desenvolveram de maneira inteiramente singular e desigual, assimilando dos lugares onde vive um estilo de vida *sui generis* para as comunidades conhecidas.

Para o escritor e historiador Boris Fausto (2000), os judeus que se evadiram de partes da Europa Centro-Occidental e Centro-Oriental, começaram a estabelecer em novas comunidades e em novos mundos por meio das colonizações e descobertas territoriais, como na África, Ásia e na América, que já possuam comunidades ligadas ao judaísmo e que se estabeleciam em silêncio, por serem desconhecidas pelos ocidentais que posteriormente se fixaram ao lado de antigas comunidades, que já ocupavam essas terras anteriormente as grandes levas imigratórias da Europa para o novo mundo. Como acontecera tantas vezes durante e antes na história da ocupação destas terras através das navegações e conquistas.

No entanto, com as novas conquistas, membros das comunidades judaicas imigravam conjuntamente com os demais para os novos territórios, porém a imigração judaica passou por momentos de crise, ou seja, sua história se refez quando os outros judeus anteriormente já perfizeram estes caminhos – primeiros judeus a cruzarem oceanos e territórios longínquos e se fixados anteriormente às ocupações sistemáticas das colônias.

De acordo com o professor Póvoa (2010), o exemplo clássico para entender o que ocorria, seriam os marranos na América do Sul, que emigraram – da Península Ibérica, fugidos da inquisição portuguesa e espanhola que convertia os que ficam para o cristianismo, dando origem ao termo Cristão-Novo.

Para Freidenson e Becker (2001) muitos destes judeus que deixaram suas terras chegaram à América recém-colonizada e encontraram os seus, numa situação mais confortável e bem estabelecidos e trabalhando com o que mais sabiam fazer: o comércio. Durante séculos, muitas gerações se perderam e desassimilaram o judaísmo por falta de um convívio comunitário mais expressivo como era na Europa. Este hiato só foi quebrado com a chegada de outras levas de judeus refugiados da Europa durante o final do século XIX até a metade do século XX.

Para o escritor e pesquisador Raymond Scheidlin (2003), múltiplos fatores e acontecimentos mundiais ajudaram a desvendar algumas dessas comunidades consideradas “ocultas” e a trazê-las a luz do judaísmo moderno, assim como para mais próxima do mundo judaico ocidental, de um judaísmo mais liberal e contemporâneo.

No entanto, sabe-se que a rivalidade colonial entre as grandes potências europeias e o avanço nos transportes marítimos e bem posteriormente o aéreo, caracterizavam os séculos XIX e XX, como destaques de acessos às áreas até então

inexploradas do planeta, bem como em contato com o mundo moderno e globalizado com o lugar ainda “escondido” da sociedade em geral.

Em seu livro, Claval (1999), descreve que os diferentes povos, etnias, culturas, idiomas, estilos e modos de vida, são por vezes ímpares e ou singulares, com sua excentricidade apresentando costumes peculiares. Em consonância à ideia supracitada Póvoa (2010) reavalia as questões que se tornaram temas de conversações diárias e objetos de interesses sociais, antropológicos, históricos, geográficos, demográficos e também econômicos, revelando-os para o restrito mundo judaico ocidental e também para o planeta.

De acordo com Cordeiro (1998) atinente aos judeus ocidentais, abriu-se uma porta para a curiosidade e isso trouxe questões intrigantes acerca das descobertas de outras comunidades pelo mundo em diferentes continentes tornando-os pensativos acerca das tradições e de seus conhecimentos mosaicos e como o judaísmo poderia ter sobrevivido tão isoladamente e por tanto tempo.

Desta maneira os europeus começaram a especular a origem das descobertas, desse “novo indivíduo judeu”; desconfiando-se de que não se tratavam de verdadeiros judeus, mas de assimilados por conta de algum contato com judeus, embora pudesse ser um lapso da história, entretanto o último golpe foi a confirmação de uma comunidade que de fato existiu e existe e que agora se faz necessariamente trazê-la ao mundo judaico ocidentalizado – sefaraditas e ashkenazitas e para mais próximos de outros grupos menores judaicos como os Italquitas, Chuetas, gruzim e outros.

Mas para alguns membros das comunidades, estava em questão sobre como os receberem e aceita-los na comunidade tradicional ocidental, bem como entender que neste momento, agora havia um novo elemento na comunicação entre os mesmos, a globalização que leva as informações e o conceito sobre “o diferente”, “o outro”, e de suas idiossincrasias para dentro da vida contemporânea judaica e assim tornaram uma preocupação para aqueles mais religiosos das comunidades judaicas ortodoxas, conservadoras e ultra ortodoxas internacionais a buscarem uma complementação de suas histórias como povo-espaco-tempo.

Com o passar das pesquisas e dos levantamentos bibliográficos que este estudo se apoiou, pode-se entender que estas comunidades que relutavam na aceitação destas comunidades “perdidas”, a consideração e até mesmo criasse uma maior compreensão pela sua existência, localização e respeito por sua cultura nacional, já que etnicamente não era a mesma coisa, pois tinham uma origem étnica diversa, mas eram

religiosamente unidos em um só D'us, apesar de adotarem a forma, estilo e gênero de vida de um lugar; todavia as duas formas de vida ambivalentes (judaica e a do lugar), passou por muito tempo como uma comunidade praticamente desconhecida e esquecida, e assim construíram as próprias suas histórias. Nada obstante tal ação nos oferece inestimável compreensão ao judaísmo vivido por eles e de respeito a sua sobrevivência judaica nestes lugares.

Por meio do estudo de suas genealogias descobriram-se como em cada crise tanto na história mundial quanto para a história judaica, as conjunturas deixaram profundas marcas sobre o povo judeu, e sobre os seus costumes e tradições.

Mas estas comunidades espaçadas se tornaram diferentes por meio do espaço vivido e observado, e criaram-se respectivamente percepções diferenciadas sobre as suas heranças judaicas e de seu judaísmo que se adaptou aos tipos de espaços, territórios e lugares, nos quais ainda vivem.

Agora se descobriu que a diáspora judaica é bem mais extensa do que se imaginava e, no percurso da grande imigração dos últimos cem anos, os judeus têm buscado novas pátrias em todos os continentes, fazendo girar o globo terrestre, como será apresentado em seguida. No entanto verifica-se que, entre as comunidades recém-descobertas e novas comunidades recentemente estabelecidas, dificilmente se encontram nelas um ponto onde não haja um remanescente comum e de Israel, a sua voz a D'us e a Torá.

Os Judeus na África Mediterrânea

Nos estudos e censos levantados por Raymond Scheindlin (2003), viviam aproximadamente cerca de 400.000 judeus no Norte da África ou África Mediterrânea, com exceção do Egito, que não entra nesta estatística, pois não participou da Segunda Guerra Mundial e seus 80 mil judeus nativos do país – mizrahim.

Os demais judeus da África setentrional e ou mediterrânea eram conhecidos como Megorachim ou Megorashim ("reenviados" ou "expulsos"), este termo foi usado para designar os judeus originários da Península Ibérica que se refugiaram em países do Norte de África (como já foi citado, exceção do Egito), fugindo por causa das mazelas econômicas e perseguições religiosas e ações populares antijudaicas – em 1391 e, à expulsão dos judeus de Espanha em 1492 pela inquisição.

Segundo Sayad (1998) Estes refugiados, que frequentemente eram de um nível sociocultural elevado, diferenciavam-se dos judeus autóctones, dos chamados judeus tochavim, já presentes no Norte de África desde a Antiguidade, os quais falavam línguas locais (árabe ou berbere) e tinham algumas tradições influenciadas pelo Islã magrebino.

Os Megorachim iriam deixar a sua marca no judaísmo norte-africano, integrando suas tradições ibéricas nas comunidades locais. Acabariam por se fundir com os tochavim, de tal forma que no presente é usualmente difícil distinguir uns dos outros. Geralmente classificam-se os judeus do Norte de África em dois grandes grupos: os sefaraditas, um termo que realça as raízes ibéricas; e os mizrahim, de tradição oriental.

Segundo a Enciclopédia Judaica (2002), dos 165 000 judeus que abandonaram a Espanha em 1492, estima-se que 32 000 imigraram e refugiaram para as costas do Norte de África 20 000 para Marrocos e 10 000 para a Argélia. Outras fontes referem que é impossível estimar quantos judeus ibéricos procuraram refúgio em Marrocos.

Porém, de acordo com Rachel Mizrahi (2001), os judeus europeus conheciam na melhor das hipóteses o litoral norte da África, ou seja, apenas as cidades ao longo da orla setentrional do continente africano do mar mediterrâneo, e que diferiam muito pouco de seus companheiros judeus de origem sefaradita da Europa Meridional que tinham intimidade com a região mediterrânea, já que muitos tinham parentes nos dois continentes. Poucos europeus tinham conhecimento das muitas vicissitudes alheias que a comunidade judaica do Norte da África sofrera, ou da grandeza dos grupos judeus que viviam no interior do continente, ou das variadas e peculiares formas de sua vida judaica que se encontravam no interior do continente.

Há algum tempo atrás, em um período mais remoto antes da chegada dos imigrantes ao Norte da África, foram encontrados vestígios de comunidades judaicas que viviam de forma singular como em oásis e em desertos, assim como outros que viviam nas altas montanhas do Atlas: Marrocos, Argélia e Tunísia - MAGREB. Existiram judeus errantes que apreciavam tanto a liberdade nos desertos, que não conseguiam se estabelecer em lugares totalmente habitados, e nem próximos de grandes povoados.

Neste sentido a origem da comunidade judaica do Norte da África, segundo Mizrahi (2001), data antes da conquista maometana e, que se descreve a partir segunda metade do século VII. De modo geral os judeus não tiveram problemas no início do

governo muçulmano na região até meados do século XI. As dificuldades começaram a partir de 1056 e não cessaram mais.

Muitos centros israelitas importantes na época foram destruídos; cidades famosas por suas populações judaicas e com amplas construções residenciais ficaram despovoadas e nos escombros. Quando finalmente foi estabelecida qualquer coisa semelhante à paz nas terras da África do Norte, nos fins do século XIII, a posição dos judeus não era mais a mesma, ela estava assinalada e cicatrizada e levavam consigo um receio de se tornarem novamente alvos das temperanças muçulmanas.

Enquanto esta situação persistia, todo o território decaía a níveis econômicos e culturais e, os judeus também eram arrastados e levados para baixo com ele. Foram impostas as comunidades regras sociais e religiosas rígidas e intolerantes, da mesma forma que consecutivamente ressurgiam as habituais restrições antijudaica, pois elas já faziam parte da realidade daquele lugar.

No entanto Scheindlin (2003), entende que no período de 1391 a 1492, judeus espanhóis e alguns anos depois judeus portugueses, escaparam da conversão compulsória, encontrando certa paz e liberdade religiosa nos países da África mediterrânea, chegaram em meio a fuga e pedindo refúgio. Os judeus nativos maaravim, de todas as partes do Norte da África acolheram os refugiados sefaradim e se expuseram ao governo maometano para obter aos refugiados o direito de se estabelecerem permanentemente nos países governados por eles. Os recém-chegados sefaradim, uma vez estabelecidos, começaram a desprezar os judeus berberes e os maaravim, por causa de seu baixo nível cultural e por crer que eram mais “inferiores que os judeus europeus”, porém devemos admitir que a maior parte da liderança religiosa e da erudição talmúdica que se estende em partes do Norte da África até os tempos atuais é encontrada entre os judeus de descendência espanhola sefaradim.

Entretanto nada mais os aproximava, seus infortúnios comuns deveriam ser unidos e assim formar um só grupo judaico, mas isso estava longe de acontecer e ao mesmo tempo satisfazia aos maometanos que percebiam a divisão intera entre os judeus facilitando o domínio sobre os mesmos.

De acordo com as pesquisas desenvolvidas pela estudiosa Mizrahi (2001), nos últimos quatro séculos os reinos norte-africanos enfraqueceram-se pela desordem e foram abalados por levantes civis. Infelizmente, o destino dos judeus maaravim e sefaradim na “Tripolitânia” ou Região Magrebina – Magreb: Argélia, Tunísia e Marrocos estavam parcialmente salvos, mas dependiam como em períodos anteriores

da Idade Média na Europa Ibérica, onde também foi muito confuso e de estarem sujeitos aos caprichos ou a sabedoria do administrador muçulmano. Repetidas vezes o *melah* era saqueado e sua população massacrada ou convertida à força ao maometismo, portanto, a comunidade judaica sefaradim de Fêz foi completamente destruída durante o século XVI, que, quando foi possível o restabelecimento, de uma nova comunidade em Trípoli, observaram-se dois “Purins” extras por ter sido salva no último momento da destruição acertada em 1705 e a outra em 1792.

Mas para o autor Paul Johnson (1995), a cada desordem trazia-se novas perseguições internas, a cada novo tirano, se extorquia o último centavo possível e, no entanto, os judeus *maaravim* e sefaradim preenchiam importantes necessidades econômicas nos países norte-africanos como atividades comerciais com outras áreas do continente africano, também constituíam grande parte da classe artesanal e da que executava trabalhos pesados; fizeram importantes contribuições às manufaturas de couro e joias; tiveram extensa participação no comércio que havia entre a África (do Norte), França, Espanha, Portugal e a Itália e entre a o norte da África o Oriente Médio e o Sudão. Na realidade o *melah* da África do Norte não era um bairro numa cidade, mas uma “cidadezinha independente” dentro de uma cidade.

Nos assuntos referentes à lei, um judeu não tinha absolutamente direito algum num tribunal muçulmano, mas quando o imperialismo europeu no século XIX encontrou no desgoverno dos reinos norte-africanos uma desculpa para impor-lhes suas leis, os judeus não ficaram pesarosos, pois foram amparados pelos “códigos europeus” que se colocavam no momento exato para defender a comunidade. Esses “códigos de lei” eram soberanos e amparavam tantos os europeus que lá estivessem quanto os judeus que lá viviam das leis islâmicas, já que naquele instante a Europa era quem dominava o território, e isto a colocava acima das leis maometanas locais.

Em sua obra Scheindlin (2003), descreve que depois de 1870, os judeus das seções francesas, da Argélia, da Tunísia e parte norte do Marrocos, exerceram com consideração o direito de se tornarem cidadãos franceses, graças ao apoio da *Alliance Israélite Universelle* (AEC), com sede em Paris. Foram (re)estabelecidas as escolas judaicas e alguns núcleos culturais em diversas localidades do Norte da África, deste modo por duas gerações e meia estes judeus aproximaram-se da “civilização europeia”, tornando-os sustentáculos das novas gerações que emigravam dos reinos norte-africanos para os países da Europa mediterrânea em particular para a França. Contudo, seus costumes e tradições foram modificando-se, seu idioma nativo e cotidiano dava

lugar a língua francesa, seus hábitos alimentares foram se ocidentalizando, assim como os seus interesses pessoais e profissionais, os trajes típicos “árabes” foram abandonados e incluiu-se roupas com o corte franceses e tons da moda parisiense e europeia.

A modificação ocorreu rápida demais, causando infelizmente, a abdicação não somente das tradições judaicas, mas também da sabedoria judaica. Isso acontecia com as comunidades judaicas situadas nas cidades ao longo do litoral norte-africano, porém, mais ao sul, para o interior destes países na região do deserto e nas montanhas – Atlas, a influência europeia era bem mais fraca e não permaneceu predominante, ela era quase nula, não sobreviveu para impor as suas extensões ocidentais.

Com o passar dos anos, as influências europeias trouxeram o antissemitismo, o mal espiritual europeu do fim do século XIX. Os colonos franceses na África do Norte, que construíram para si, apropriando-se de enormes propriedades e tornando-as agrícolas e moldando o comércio local e dos países que imperializavam tiravam para seu próprio proveito as vantagens da pobreza manufatureira destas regiões, depararam-se com a indignação dos muçulmanos contra a exploração econômica e trabalhadora pelo domínio estrangeiro europeu. Os franceses seguiram o exemplo “europeu” e culparam os judeus maaravim e sefaradim pela facilidade de exploração e organização do processo de conquista sobre a terra. Os muçulmanos acostumados a oprimir os judeus iniciaram uma manifestação contra a proteção europeia aos maaravim e sefaradim que estavam então legalmente amparados além do seu alcance.

Os sentimentos antijudaicos não podiam manifestar-se em ações enquanto o liberalismo e a democracia predominassem na Europa sobre o norte do continente africano, mas à medida que novas figuras entravam no cenário político da Europa aplicando-se doutrinas suspeitas como a de Adolf Hitler na Alemanha, que ganhava ascendência entre os anos 1930 a 1940, colocava a posição dos judeus europeus em situações degradantes e lamentáveis. Isso se agravava também em outras áreas como a fascista Itália.

Os italianos que “colonizavam” a Líbia iniciaram uma discriminação ativa contra os judeus maaravim e sefaradim e agindo também mais para o oeste do continente africano. Consequentemente neste período o poder da França enfraquece na Europa e cai de vez na África em 1940. Derrotados os franceses aproveitaram-se avidamente da oportunidade para privar os judeus maaravim e sefaradim de seus direitos adquiridos como “cidadãos franceses” e os deixou a própria sorte.

Após três anos de intensos conflitos, o exército da então Liga das Nações (NL), hoje Nações Unidas (ONU), expulsam os nazistas - alemães e os fascistas italianos do Norte da África, a antiga situação legal foi restabelecida, parcialmente, em 1943. Havia, pois uma movimentação maometana contra os judeus, a qual a Liga das Nações não podia fazer muita coisa contra. Entretanto nada podia devolver as vidas perdidas e as comunidades destruídas, principalmente na “África Italiana”, que estivera mais diretamente sob o controle alemão – Italiano (nazifascista), as cidades de Bengazi, Derna e outras áreas urbanas ao longo da costa Líbia, viram suas populações judaicas deportadas para a Europa, onde faziam trabalhos forçados para os exércitos nazistas, ou para perecer em campos de concentração e virarem combustível em fornos ou câmara de gás. Poucos são os que voltaram posteriormente a sua terra de nascimento. Esta nova ordem política e econômica amparada por uma frágil e relativa “paz” criou uma atmosfera de esperança para os judeus.

O Egito foi uma das poucas nações a não sofrer tão rigidamente com os ataques aos judeus como no restante do norte da África, pois o país não era uma colônia, mas sim uma área do “protetorado Britânico”. A paz e a prosperidade vieram para o Egito e seus habitantes, judeus e árabes quando a Inglaterra obteve o controle prático do Estado egípcio na segunda metade do século XIX. Uma considerável imigração de judeus europeus fortaleceu ainda mais as comunidades judaicas de Alexandria e do Cairo que se transformou em notáveis centros culturais, sociais e econômicos na África e no Oriente Médio. Em 1940 havia aproximadamente cerca de 76.000 judeus no Egito, hoje não passa de 200 judeus mizharim, segundo levantamento de Scheindlin (2003).

Além disso, havia pequenos grupos de caraitas com quem os judeus *mizharim* mantinham boas relações e amistosas e ambos ocupavam cargos públicos de elevado grau de importância no Egito. Essa relação amigável entre os mizharim e o Estado do Egito durou até a ascensão do General *Gamal Abdel Nasser* ao poder, dando origem a guerras e a uma nova Diáspora para os países da Europa Mediterrânea e para as Américas a partir de 1950. A paz voltou ao Egito nos anos 70 com General *Anwar Sadat*, assinando o tratado de Camp David, nos EUA na presença do presidente norte-americano Carter e do premier Menahem Béguin de Israel, porém essa paz não retornou tão vitoriosa assim as comunidades judaicas do Egito.

Da Etiópia ao Iemen

O ilustre professor *Joséph Halevy*, anunciou em 1867 que fizera uma descoberta extraordinária ao explorar a “Abissínia”, país da África ao sul do Egito; (atual Etiópia e Eritreia) – a terra dos etíopes, a Cush da Bíblia.

Segundo dados de Scheindlin (2003) o professor *Joséph Halevy* encontrou uma população de aproximadamente 110.000 pessoas de pele negra que se avocavam de “*Beta Israel*”, ou seja, “Casa de Israel”. Essas pessoas alegavam ser descendente dos antigos israelitas e observavam um tipo peculiar de judaísmo. Na ocasião o próprio rei da “Abissínia”, embora cristão, vangloriou-se de possuir entre seus títulos o de “Leão de Judá” e alegava que o Rei Salomão e a Rainha de Sabá são os antepassados da família etíope.

O pesquisador pouco investigou, mas coube ao seu aluno *Jacques Faitlovich*, apurar nas pesquisas de campo a descobrir mais detalhes sobre os *falashas*, assim denominados nativamente. *Faitlovich* passou muitos anos convivendo com esses “judeus” e trabalhou exaustivamente para compor a história judaica deste povo por meio de várias fontes orais e documentais.

Na conclusão de parte da pesquisa pode-se concordar que esses antepassados distantes eram comuns àqueles soldados defensores da fronteira do sul do Egito, cuja correspondência entalhada em uma pedra e encontrada em uma região hoje denominada de Assua. Porém parte deste exército migrou para a “Abissínia” atual Etiópia, durante Rebelião da Diáspora entre os anos de 115 a 117 dC. Posteriormente estes soldados se casaram com mulheres nativas, e tudo indica que a pele negra dos modernos falashas tem a ver com a sua história africana.

O judaísmo propagou-se rapidamente entre os “abissínios”, mais rapidamente do que o cristianismo, de forma que, durante muito tempo, até o século XVI, grande parte da “Abissínia” era governada por judeus.

Com a evolução dos acontecimentos e da trajetória humana do país, seguiu-se uma série de guerras e os judeus perderam o seu poder. A população tornou-se predominantemente cristã e, posteriormente elevou-se a uma maior quantidade de maometanos. Os vencedores cristãos ao assumirem o poder denominaram aos “judeus” o seguinte nome “falashas”, ou seja, de “os estranhos”.

Derrotados e separados, os falashas, apegaram-se lealmente a suas tradições judaicas. Naquela parte de suas vidas muitos sobreviviam como artesões e lavradores, em suas próprias aldeias. Não sabia hebraico e, até sua Torah era escrita num antigo

dialeto abissínio. Com a aproximação do *Shabat*, banhavam-se e se vestiam de branco e toda a comunidade reunia-se para rezar e participar de uma refeição comum. Naturalmente não trabalhavam no sábado.

Suas leis de *kashurut* são um pouco diferentes das leis de outros judeus, já que habitam uma região onde os exemplos de animais descritos na proibição não se aproximavam da realidade vivida e encontrada na “Abissínia”. De modo geral, os falashas não revelaram qualquer indício de influências de um judaísmo rabínico do Talmud. A chegada de um rabino em seu meio, no começo do século passado, provocou confusão no modo de pensar, agir, rezar e de observar os preceitos judaicos. Também se revelou uma preocupação com os judeus, pois a eles descobriram que outros judeus estavam preocupados com o seu futuro e destino e ao mesmo tempo apresentou-se aos judeus ocidentais que existem outros tipos étnicos judaicos pelo mundo.

A frequente visita e o constante contato aumentaram o interesse da “comunidade” da “Abissínia”, isso permitiu que se inserissem escolas de hebraico na região. A persuasão ficou mais complicada do lado judaico europeu e americano, em não aceitar na participação e nas contribuições financeiras para apoio a essa nova comunidade, porém os judeus ocidentais não reconheceram em primeiro momento a legitimidade dos falashas como judeus, deste modo o plano de inserção dos falashas ao mundo judaico contemporâneo levou um longo caminho e muito tempo, quase a extinção dos mesmos.

Quando a “Abissínia” foi conquistada pelos fascistas italianos em 1935-1936, a pesquisa e os trabalhos do Dr. *Faitlovich* tiveram que ser interrompidos, todavia em 1940-1941 o invasor italiano, foi expulso e *Hailé Selassié* voltou ao trono de seu país. Não apenas foi possível recomendar a investigação e a obra judaica, mas também alocar os refugiados de guerra e da opressão nazifascista que encontraram no caminho da Etiópia a segurança.

Estes imigrantes levaram consigo habilidades técnicas de que o país muito precisava para desenvolver como universidades, escolas, transportes, maquinários, técnicas agrícolas e comércio. Esse exílio foi momentâneo, até eles voltarem ao seu país de origem, depois que a guerra acabou eles se foram em levadas. O impacto da emigração foi enorme, pois abalou o domínio de *Hailé Selassié* no país fragilizando o governo que estava tentando recompor as atividades deixadas pelos europeus. Isso causou um segundo advento, uma “revolução interna” nos anos 1960 e 1970, onde um grupo maometano assumiu o poder abalando a comunidade dos falashas.

Imediatamente com apoio internacional Israel elaborou um plano e resgate e o efetuou em uma operação denominada de “Rei Salomão”. Foi um resgate relâmpago que se concretizou em poucos dias, mas que salvou milhares de vidas e ofereceu como lar *Eretz Israel*.

Os Teimanin

Os judeus do Iêmen são, por definição, pertencentes ao grupo étnico-cultural da sociedade Israeli denominado Mizrahi. No entanto, os teimanin adotaram um nome próprio, o que reflete sua história e identidade diferentes das dos judeus de outros países árabes – Teimanim. O supracitado Scheindlin (2003), por sua vez, acredita que os Teimanin chegaram a este país através das ligações navais e comerciais estabelecidas pelo rei Salomão com os reinos da região. Entre os séculos XIII e XVI, o Iêmen foi conquistado pela tribo africana dos Rasulidas e em 1547 pelos turcos. Com o Iêmen integrado ao gigantesco Império Turco-Otomano, os Teimanin puderam estabelecer contato com os cabalistas de Tzfát – Israel atual e com outras comunidades judaicas.

Quando os Zaydis (um grupo islâmico xiita) conquistaram o Iêmen, em 1630, novamente houve uma piora. 49 anos depois eles foram todos expulsos para a região de Mawza, na costa do Mar Vermelho, onde muitos morreram de doenças e fome. Mais ou menos um ano depois, eles foram trazidos de volta para o centro do Iêmen, pois eram necessários para a economia, já que eram muitos dos artesãos e manufactureiros. Quando voltaram, encontraram suas casas e artigos religiosos destruídos, foram forçados a morar em bairros fora das cidades e impedidos de construir casas maiores que as dos muçulmanos ao redor.

No fim do século XVIII, foi criada uma lei que forçava o estado a tomar para si e educar de maneira islâmica qualquer órfão menor de idade que estivesse na classe dhimmis, como os judeus e os cristãos. Eles foram proibidos de andar de camelo e cavalo, tendo que andar de burro e mula, obrigados a andarem descalços no bairro muçulmano e proibidos de se defenderem caso atacados com pedras ou punhos por jovens muçulmanos.

No entanto, assim como na Europa, os judeus acharam seu nicho no mercado. Tornaram-se mestres em áreas que os muçulmanos não favoreciam, como carpintaria, sapataria, argila, alfaiataria, conserto de armas e ferramentas, como ferreiros,

mercadores de café e joalheiros. No início do século XIX havia em torno de 30.000 judeus no país.

Em 1872, os turcos retomaram o controle, as condições melhoraram e restabeleceu-se o contato com outras comunidades. Dez anos depois, começou a emigração para a Palestina. Eles foram proibidos de emigrar no ano seguinte, mas continuaram mesmo assim. Eram números pequenos, mas com alguns picos, especialmente quando se deu a Declaração de Independência de Israel. Por volta de 1950, a maioria dos Teimanim já se encontrava em Israel.

Este contato com as outras comunidades gerou uma divisão interna entre a comunidade iemenita. Uma parte da comunidade, o movimento Dor Daim, queria que o judaísmo retornasse à forma de maimônides, do Iêmen de antes de 1600, antes da assimilação da literatura cabalista, como o Zohar, que eles consideravam crenças alienígenas e irracionais. A oposição os Iqshim, não queria deixar de praticar a kabbalah. A divisão evoluiu para 3 grupos que diferem basicamente no nível de aceitação da kabbalah, um tenta utilizar ao máximo os ensinamentos do Ari (Isaac Luria), um rejeita o Zohar e o outro se equilibra num meio termo.

Os Teimanim se sentavam no chão em suas sinagogas e sua dicção, entonação, melodia e sotaque em hebraico são considerados por Stanley Mann, escritor que mora em Israel e escreveu sobre os judeus do Iêmen, a mais correta, muito superior à ashkenazim e à sefaradim. Em comunidades grandes, as crianças judias estudavam desde os três anos de idade. No ano da criação de Israel, 1948, havia 55.000 judeus no Iêmen e mais 8.000 em Áden, uma colônia inglesa dentro do país.

Um ano antes, quando a partilha da Palestina foi aprovada, muçulmanos revoltados e a polícia se juntaram e realizaram um pogrom em Áden que deixou 82 judeus mortos e destruiu centenas de casas e lojas. A comunidade ficou economicamente paralisada. No início de 1948, a falsa acusação de assassinato ritual de duas garotas fez com que a comunidade fosse saqueada.

A situação perigosa da comunidade judaica no país levou Israel a agir diretamente, lançando a Operação Tapete Mágico. Israel decidiu resgatar de avião os judeus do Iêmen e trazê-los para seu território. 28 pilotos realizaram 380 voos perigosos, inclusive sobre território inimigo, como o do Egito, para trazer os Teimanim para Eretz Israel. Os aviões decolavam da base em Asmara na Eritreia, iam até Áden, levavam os judeus até Israel e depois passavam a noite no Chipre. Um dos

maiores problemas era a falta de combustível. No entanto, não houve nenhuma perda de vidas.

A operação foi realizada em segredo e contava com a autorização do novo líder religioso do Iêmen, Ahmad bin Yahya. Desta maneira, 47 mil teimanim, 1500 judeus de Áden e 500 do Djibuti e da Eritreia fizeram aliá. Como eles eram muito pobres e a maioria nunca tinha visto ou sabia o que era um avião, eles tinham muito medo de entrar nele. Então o rabino citou o seguinte verso do Tanach que profetizava o salvamento dos filhos de Israel para convencê-los a entrar no avião: - "Mas aqueles que têm esperança no SENHOR terão renovada sua força. Eles voarão em asas, como águias; eles correrão e não se cansarão, eles caminharão e não se fatigarão." (BIBLIA, Isaías, 40, 31).

O nome oficial da operação era 'Operação nas Asas de Águias'. O nome foi retirado do versículo acima e também do seguinte: "Vocês mesmos viram o que eu fiz no Egito, e como eu os carreguei em asas de águias e os trouxe até mim". (BIBLIA, Êxodos, 19, 1).

Uma migração menor, mas contínua, teve permissão para continuar até que uma guerra civil no país, em 1962, acabou com a emigração judaica. Até 1976, quando um diplomata americano encontrou uma pequena comunidade judaica no norte do Iêmen, pensava-se que os judeus no Iêmen não existiam mais. Na verdade, algumas pessoas não quiseram abandonar seus parentes velhos e doentes e permaneceram no Iêmen. Estas pessoas eram proibidas de emigrar e estavam isoladas, dispersas nas regiões montanhosas do norte do Iêmen e necessitando de roupas, comida, tratamento médico e artigos religiosos. Devido a estas condições difíceis, alguns Teimanim abandonaram o judaísmo e se converteram ao islã.

A pequena comunidade que permanece no Iêmen até hoje é tolerada e pode praticar sua religião, mas não podem servir no exército e serem eleitos para cargos políticos, além de serem tratados como cidadãos de segunda classe. São confinados a uma parte da cidade e há um número limitado de profissões que podem ocupar, geralmente trabalhando como fazendeiros e artesãos. Eles podem ter terras e exercem esse direito.

Os judeus estão dispersos e não existe uma estrutura comunitária. O contato com os vizinhos muçulmanos é muito restrito e eles são impedidos de se comunicar com o judaísmo mundial. Acredita-se que existam duas sinagogas funcionando em Saiqaya e Amlah. Os judeus também não se casam fora da religião.

Em 2001, um judeu foi listado como candidato a uma cadeira no parlamento pelo partido dominante. Isto foi visto como um gesto de boa-vontade com o governo de Bush, para convencê-lo a dar ajuda econômica ao Iêmen. No entanto, o comitê geral eleitoral invalidou a candidatura de Ibrahim Ezer, argumentando que os candidatos devem ser filhos de ambos os pais muçulmanos. Nos últimos anos, apesar da proibição do governo iemenita, cerca de 400 judeus fizeram aliyáh. Um fato interessante é que é proibido entrar no Iêmen (assim como na maioria dos países árabes) com um passaporte que contenha um visto israelense, mesmo se o turista não é de cidadania israelense, basta ter estado em Israel para ter sua entrada negada.

Os convertidos ao judaísmo, que pagãos que sobreviveram à espada cristã na época de *Dhu Nowas*, foram sem dúvida, absorvidos pela população judaica nativa do Iêmen. Os judeus do Iêmen ou *Teimanitas*, ao contrário dos falashas, nunca perderam contato com os judeus que ficavam mais ao norte, na Palestina e na Babilônia, ou com os que ficavam a noroeste, no Egito. Pode-se ressaltar que estes indivíduos continuaram a cumprir os preceitos da tradição judaica e participantes nos desenvolvimentos das literaturas judaicas no país.

A vida entre os *teimenitas* resumia-se nas atividades artesanais, costumavam a ter um monopólio prático do trabalho manual, até o início para a metade do século XX, quando as mercadorias de importação começaram a chegar e a concorrer com seus produtos e os obrigando a entrarem no ramo do comércio local, o que não foi tão ruim assim para o desenvolvimento local, pois vários lugarejos no interior passaram a constituir uma melhor infraestrutura básica de vida.

Conta-se que o rabino de uma colônia local do Iêmen, o “*Mori*”, como o apelidavam, ganhava a vida com trabalhos manuais, porém com a introdução do comércio, ele abandonaria as práticas artesanais e passaria a trabalhar com atividades comerciais para se sustentar. Entretanto os seus deveres rabínicos, jamais foram esquecidos, pois que incluía nesta lista prestezas para a comunidade como *moréh*, *shocher*, *mohel*, *rabi*, *daian* e outros exercícios rabínicos, já que essas atividades lhe davam alguns ganhos extras, pois eram puramente honorários.

Até alguns anos atrás, a lei judaica no Iêmen, permitia que os *teimenitas* pudessem ter mais de uma esposa, já que o édito do *Rabenu Gershom* só se aplica a judeus ashkenazim na Europa. Poucos deles, no entanto, praticavam a poligamia, mas havia algumas famílias que possuíam mais de duas mulheres e dezenas de filhos, porém em sua maioria a vida familiar era exemplar. Sabe-se que a educação para os *teimenitas*

era completamente em hebraico e assim como a aplicação das tradições judaicas no cotidiano, pois isso são as *mitzvot* e tornou-se uma tarefa sagrada para o seu dia-a-dia.

Constitui em desonra para a sociedade judaica masculina iemenita quando se é chamado para *Aliah Torah* e não ler sua parte perfeitamente em hebraico. Uma vez que ele próprio tem que fazê-la, sem contar com qualquer tipo de ajuda, oral ou escrita como a transliteração dos textos sagrados.

Houve um período da história dos judeus do Iêmen, que as perseguições e as imigrações foram uma constante, já que a intolerância religiosa dos muçulmanos impôs muitas restrições à vida judaica. Em 1677, foi publicado em édito expulsando todo os judeus do país, muitos tiveram os seus pertences queimados e outros tantos morreram ao tentar buscar uma nova pátria. No entanto, *Mori Shebesi*, (poeta, músico e autor cabalista) exerceu grande influência para que esse édito fosse revogado e permitissem a volta dos judeus para as suas antigas casas e terras, exceto para a cidade de Sana, a capital do país. Isso foi negado e as suas condições de vida tornaram-se mais implexas do que antes.

Finalmente, no começo do século XX, considerável parte da comunidade judaica iemenita decidiu emigrar, um pequeno número estabeleceu-se em Adém, na época sob o domínio Britânico; uma quantidade maior foi para a Palestina, e posteriormente do advento do Estado de Israel em 1948, toda a comunidade *teimenita* imigrou para lá. Considera-se que os *teimenitas* são os judeus mais interessantes de Israel, haja vista que se compõem e comportam como uma das comunidades mais devota do país.

Os Parsim

Os judeus persas, judeus iranianos ou parsim, são judeus de língua persa descendentes dos judeus que migraram para regiões pertencentes ao atual Irã após a queda dos antigos reinos de Israel e Judá.

A comunidade judaica da “Pérsia”, atual Irã, é uma das mais antigas do mundo. Sua origem data dos dias de Ciro, o Conquistador da Babilônia e o restaurador da Judéia. Por séculos não se pode distinguir o começo da história da comunidade judaica persa da dos judeus da vizinha “Mesopotâmia”, cujos *exilarcas* e *geonim* também exerciam autoridade sobre os judeus “persas”.

A conquista da “Pérsia” pelos mongóis – *Hulegu Ka* – no século XII, melhorou muito as condições em que viviam os judeus da “Pérsia”. Os dirigentes mongóis

interessavam-se pelos trabalhos dos judeus e os nomeavam para cargos públicos e financeiros. Durante alguns séculos, a vida judaica prosseguiu sem muitas dificuldades. Porém uma mudança definida para pior ocorreu no século XVII, quando os sacerdotes muçulmanos da facção dos xiitas obtiveram a supremacia e o poder na “Pérsia”.

Foram adotadas duas regras cujo objetivo era minar a resistência judaica:

- 1- Os xiitas declararam que todos os não muçulmanos eram fonte de “impureza”. Membros muito devotos dessa facção islâmica chegavam até a lavar os olhos se por acaso vissem um incrédulo. Isso obrigava a uma separação dos judeus, assim como dos zoroastroístas, dos cristãos e de outros pequenos grupos religiosos, por meio de uma insígnia.
- 2- Os sacerdotes xiitas, além desse fato, conseguiram que o governo “persa” adotasse uma lei por meio da qual um convertido ao maometismo se tornava herdeiro único dos bens de todos os seus parentes, isso servia aos judeus e aos demais não maometanos.
- 3- Os ataques físicos também se tornariam mais frequentes, em 1838. Toda a comunidade judaica da cidade de *Meshed* foi obrigada a seguir o maometismo, mas permaneceram judeus discretamente com toda a angústia, e o perigo que tal existência “marrana” significava para eles.

Ao saberem dos acontecimentos na “Pérsia”, entidades israelitas da Inglaterra e da França entraram em ação, porém seus protestos e pressão através de canais diplomáticos de nada adiantaram. A situação chegou a tal questão que em 1871, os judeus “persas” apelaram para seus correligionários ocidentais, para que estes os ajudassem a fugir para a Palestina, ou a emigrarem para outras nações mais amistosas.

Em 1873 e em 1889, o Xá *Nast-Ed-Din*, viajou a Europa, visitou as cidades de Berlim, Paris e Londres, nestes centros urbanos judeus se manifestaram e também impressionaram para que se resolvesse a situação de seus súditos judeus. O Xá fizera promessas que, como se verificou depois, não foram cumpridas. O único resultado desse interesse por parte dos judeus europeus foi o estabelecimento na “Pérsia” de escolas dirigidas pela *Alliance Israélite Universelle* e sob a supervisão da França e Inglaterra.

Até a intervenção ocasional de representantes dos Estados Unidos de pouco adiantou, ainda havia distúrbios antijudaicos em 1907-1909. No entanto, por volta

dessa época, influências europeias começaram a adentrar no país e um espírito melhor se manifestou. No entanto, o poder dos clérigos intolerantes só completou finalmente quando o estabelecimento de uma nova dinastia sob a governabilidade do Xá *Reza Kã Pahlevi* (1925 – 1940), que fizera esforços estrênuos à razoavelmente bem-sucedidos para iniciar a modernização do país.

A Sobrevivência das Comunidades

Vivendo nessas circunstâncias opressivas, os judeus da “Pérsia”, durante os últimos quatro séculos, não podiam atingir o apogeu cultural de seus antepassados. Pior ainda, as próprias bases de seu judaísmo ficaram abaladas. Enquanto os resultados da atividade missionária cristã eram exíguos, outro movimento religioso, oriundo da “Pérsia”, obteve um relativo êxito, até os anos de 1980. Chamava-se Bahaísmo – *Bahaiym* e representava uma mistura de maometismo e das esperanças messiânicas do cristianismo e do judaísmo. Seu misticismo e vago idealismo também atraíram alguns judeus, não tanto por causa das asserções feitas pelos líderes místicos desta seita, como porque oferecia uma oportunidade de deixar o oprimido grupo judeu sem abandonar completamente a crença no maometismo e os ideais humanos com que o judaísmo se identifica.

Foi nesse contexto que a situação cultural começou a melhorar. Diversos judeus “persas” migraram para a Palestina e aí iniciaram um renascimento literário, introduzindo máquinas de impressão para o dialeto “judeu-persa” preparando as traduções de livros hebraicos, escrevendo até manuais para o estudo da língua hebraica. Porém este material não se encontra mais disponível, pois foi consumido pela revolta e ódio contra os estrangeiros e outras culturas e religiões durante a Revolução Islâmica e que deu início a queda do Xá e o começo de uma era do terror, com o retorno ao poder dos *Aytolás* e de seu líder máximo *Aytolá Komeyne* que retornava da França ao país por volta dos anos 1980.

Outra análise histórico-geográfica, é que existiu uma rica diversidade étnica e cultural na “Pérsia” e das comunidades judaicas que ali viviam, assim verificaram-se como poucas comunidades são conhecidas pelo mundo ocidental. Tais comunidades sobrevivem na região da Ásia Pequena e Central. Encontravam-se judeus no antigo país do “Curdistão”, também entre os mares Cáspio e Negro, no Daguiistão e Yugushentia na Rússia caucasiana e na Geórgia. Comumente, judeus eram encontrados

no Cazaquistão, Turcomenistão e na região de Bokhara, na fronteira nordeste do Irã. Deste modo houve uma presença também no Afeganistão até a Índia, conhecidos como os judeus de *Cochim* e *Bene Israel*.

Os Judeus do Subcontinente Indiano

Existem histórias de que mercadores judeus na época medieval atravessaram a Índia, mas não existem histórias deles fincando raízes no local. As evidências mais concretas do começo da vida judaica na Índia são do século XI, quando os primeiros residentes se instalaram na costa ocidental.

A Índia tem a história de três grandes grupos de judeus dentro do seu país: Os Bene Israel, os Cochim e os Judeus Brancos da Europa. Cada grupo praticava importantes elementos do judaísmo e tinha ativas sinagogas. Os sefaraditas predominavam entre os Judeus indianos.

Os Bene Israel viviam principalmente em Bombaim, Calcutá, Delhi e Ahmedabad e sua língua nativa era o Marathi. Eles alegavam ser descendentes dos judeus que escaparam da perseguição na Galileia. Eles se assemelham ao povo não judeu Maratha em aparência e costumes, o que indica casamentos mistos entre os judeus e os indianos. Estes também mantinham costumes básicos do Judaísmo como circuncisão, a kashrut e respeitavam o Shabat. Os Bene Israel alegam ser descendente dos Cohanim, o que foi corroborado por um teste genético de 2002, que indicou que eles tinham a mesma hereditariedade que os cohanim. Desde 1964, essa comunidade é plenamente reconhecida como judia e pode fazer aliyah.

Os judeus Cochim (tem esse nome por se instalarem na região de Cochim, sul da Índia) foram, no começo, chamados de “Judeus Pretos” e falavam uma língua chamada Malayalam. Os Judeus Brancos vieram depois dos Cochim e eram originários do ocidente europeu como Holanda e Espanha. No século 17 e 18 a região de Cochim teve um grande afluxo de judeus vindos do norte da África, Oriente Médio e da Espanha. Podemos também citar uma notável comunidade que se formou de judeus portugueses e espanhóis, que foi a de Goa (estado da Índia), mas esta comunidade acabou por desaparecer com o passar do tempo. Duas comunidades judaicas separadas sobreviveram do passado sombrio no vasto subcontinente da Índia. Uma está situada em Cochim, na extremidade sul da Índia, e a outra fica mais ao norte, no litoral oeste do

país, perto da costa ocidental, em Bombaim e nas suas proximidades também encontramos vilarejos com comunidades judaicas.

Ambas as comunidades estiveram durante séculos sem nenhum contato com outros judeus e mantiveram apesar disso seu ambiente “hindu”, parecido com o dos seus vizinhos e vivendo tal qual como eles; permaneceram, no entanto, judeus em todos os elementos essenciais de suas vidas.

Nenhuma das duas comunidades sofreu perseguições, portanto, a força e a vitalidade intrínsecas do judaísmo continuaram vivas e sem medo.

É bem possível que estes judeus vivendo isolados, também tenham habitado na cidade de Cochim ainda antes da destruição do Templo. Sabe-se que existiram relações comerciais entre a Índia e os numerosos mercadores judeus de Alexandria, no Egito, de forma que os alexandrinos talvez tenham tido representantes nessa parte da Índia.

Contudo é possível também que a primeira colônia judaica fosse fundada por judeus que tivessem vindos da “Babilônia” e da “Pérsia” por causa das dificuldades ocasionais durante os períodos dos *amora'im* e dos *geonim*, em alguma época entre os séculos V e VIII.

O primeiro registro desses judeus, data do ano de 1020, quando o *Rajá Bhaskira Ravivarman* da costa malabar concedeu um título de nobreza e muitas propriedades a um judeu chamado *Tosef Rabban*. Através dele os judeus de sua comunidade adquiriram importância e autoridade no comércio e na região. O rabino *Benjamim de Tudela* ouviu falar deles um século e meio depois, e um século depois disso, Marco Polo mencionou esses judeus em seus descritos para a corte italiana. Naquela época viviam em Cranganor; logo depois a maioria mudaria para Cochim.

Tornaram-se abastados e influentes, constituíam até mesmo importantes cargos, como no exército dos príncipes locais, que ocasionalmente adiavam uma batalha porque seus soldados judeus não queriam violar o *shabat*.

No começo do século XVI ocorreu uma mudança revolucionária na vida da comunidade judaica de Cochim, quando os europeus começaram a navegar em águas indianas. Os portugueses foram os primeiros a chegar e estabelecer seu poder na Índia. Além disso, essa era uma época em que os exilados judeus e marranos da Península Ibérica procuravam algum lugar na terra fora do alcance da inquisição espanhola e portuguesa. Alguns milhares deles chegaram à Índia e estabeleceram-se perto dos judeus que há muito viviam ali. Logo após, os portugueses importaram o tribunal da

Inquisição. Finalmente seus rivais holandeses os expulsaram da Índia, e os concentrando apenas em Goa, e os judeus de Cochim não foram mais molestados.

Em assuntos de religião e cultura, a antiga colônia de judeus na Índia beneficiou-se com a chegada de judeus holandeses e dos judeus europeus. O Conhecimento do hebraico foi restabelecido, adotaram o ritual sefaradi; emulavam seus companheiros judeus estudando a literatura sagrada. Socialmente, nada obstante, a nova colônia trouxe um problema que tem afligido a comunidade judaica de Cochim até hoje. Os judeus que tinham chegado mais recentemente insistiam em manter-se separados dos outros. Suas razões eram a ignorância dos judeus indianos e a suposta impureza racial que sua cor indica, pois os antigos judeus de Cochim têm a pele escura, como os demais habitantes da Índia. Sua cor é provavelmente consequência do casamento misto entre os colonos originais na Índia e nativos hindus que se converteram ao judaísmo. Tais convertidos talvez tenham sido escravos, já que a escravidão de uma forma moderada era reconhecida na Índia.

Os judeus espanhóis argumentavam que não podiam permitir que sua própria pureza racial fosse maculada por casamentos mistos (isso era entre os próprios judeus, ou seja, os Cochim e sefaradim), ou mesmo pelo contato com tal descendência “inferior”. Em diversas ocasiões foram enviadas perguntas a rabinos reconhecidos no Egito e na Palestina pedindo uma jurisprudência dessa conduta dos judeus sefaradim não tinha base legal.

A discriminação, porém, continuou e ainda persiste atualmente. O conflito, na realidade, acentuou-se, pois surgiu uma terceira divisão através dos escravos que os judeus sefaradim convertiam de tempos em tempos e que, pelo menos temporariamente, faziam parte da família branca. Estes ainda se empenham numa peleja por sua aceitação na comunidade judaica.

Bene Israel

Segundo Scheindlin (2003), há presentemente na Índia cerca de 4.400 judeus, sendo 2000 em Cochim, dentre esta população judaica, encontramos hoje uma diversidade étnica enorme.

A outra cidade de grande concentração de judeus é Bombaim, que abriga os *Bene Israel*. São judeus indianos de pele parda e denominaram-se “Filhos de Israel”. A origem de sua colônia e a razão de sua cor são assuntos de discussão tanto quanto entre

os judeus de Cochim. Previsivelmente, foi sugerida a teoria das Dez Tribos Perdidas para explicar esses judeus. Contudo, a teoria mais plausível é a de que os colonos originais vieram do Norte, ou possivelmente como prisioneiros de guerra numa galeria de escravos romanos do século VI.

As influências religiosas hindus e muçulmanas e principalmente a falta de contatos com judeus de fora provocaram mudanças fundamentais em sua vida como judeus. Esqueceram a língua hebraica, de forma que apenas *Shemá Israel* permaneceu com este grupo. Por negligência modificaram muitas observâncias e feriados do judaísmo. Observaram, porém, escrupulosamente o *Shabat*, a circuncisão e algumas das leis dietéticas básicas. Suas tradições contam que um homem chamado *David Rahabi*, judeu de Cochim, apareceu por acaso em seu meio no século X e provocou um renascimento do judaísmo. Outro visitante assim, *Samuel Divakar*, castelhano, prestou-lhe serviço semelhante no fim do século XVIII. O resultado é que sua religião judaica foi imediatamente restabelecida e é observada de modo ortodoxo, segundo o rito espanhol.

A ida dos ingleses para a Índia provocou, muitas mudanças na vida dos *Bene Israel*. Esses por sua vez, tinham em sua maior parte, lavradores e prensadores de sementes e frutas para a extração de óleo, muitos deles ainda praticam tais ocupações, entretanto, os ingleses os atraíram para o exército e muitos alcançaram postos militares relativamente elevados e ocuparam importantes cargos no serviço civil nativo.

Alguns também se voltaram para o comércio e outros se tornaram hábeis artesãos. Há cerca de 2400 *Bene Israel* atualmente, segundo dados de Scheindlin (2003). Observa-se que atualmente tais membros dessa comunidade enfrentam a mesma discriminação que tipos mistos semelhantes enfrentam entre os judeus de Cochim. Além disso, as relações tornaram-se tensas entre os *Bene Israel* e os judeus europeus que chegavam e ainda chegam à Índia. Também nesse caso um sistema de casta teve um processo de desenvolvimento muito embora no rabinato sefaradi da Inglaterra e da Palestina se tenha recusado a aprová-lo.

Quando a Índia se tornou acessíveis ao comércio da Europa em expansão e mais tarde ao mundial, diversos judeus foram morar na Índia devido aos negócios e indústrias que se instalavam no país. Sua presença, como já foi descrita, às vezes contribuía e por vezes atrapalhava e criava conflitos no que tange a observância judaica, mas o tempo fez o ajuste devido e desta maneira houve um melhor

entrosamento entre os diversos judeus, porém algumas das alterações colocadas deram um melhor resultado e reverteram em bem estar aos judeus de Cochim e *Bene Israel*, pendência foram abrandadas e a comunidade judaica indiana se voltou para um só desígnio: sua preservação enquanto comunidade e, conseqüentemente, exercer o seu judaísmo na Índia.

Considerações Finais

Embora se constitua em povo numericamente “pequeno”, o judeu tem diferenças étnicas muito amplas. Para Cordeiro (1998), é simples apreender o porquê: o fundamental motivo que esclarece o fato, foram as constantes expatriações a que foram submetidos durante aproximadamente os três séculos de sua história.

Igualmente AEC, existiam comunidades judaicas estabelecidas fora de Israel, notadamente as da Babilônia, Egito, Oriente Médio, Ásia Central, Grécia e Itália. Na idade Média a Espanha tornou-se o centro judaico do mundo. Com o anátema dos judeus, dos domínios espanhóis em 1492, os judeus sefaradim deslocaram-se para Portugal, Norte da África como: Marrocos, Tunísia, Argélia, e para países mediterrâneos como a França, Turquia Israel, e países da Europa centro-norte como a Holanda, Inglaterra e países sul-americanos Brasil, Argentina e Uruguai e também para a América do Norte os Estados Unidos e Canadá.

Enquanto isso os ashkenazim, dirigiram-se para a Europa Central, Rússia, Ucrânia, Polônia e Alemanha. Paralelamente os dois mais importantes grupos étnicos judaicos, adicionam com a maior responsabilidade sobre a sobrevivência do judaísmo no mundo ocidental enquanto outras comunidades israelitas muito *sui generis*, singulares das conhecidas (os dois grandes grupos ocidentais) se desenvolveram em regiões independentes e diferentes da tradicional cultura europeia e branca, como as comunidades do Iraque, Pérsia - atual Irã, Iêmen, Armênia, Cáucaso, Etiópia, Índia e até na China.

Por conseguinte, da evidente complexidade do “indivíduo judeu”, pode-se concluir com segurança que o judaísmo é mesclado de tantas transformações culturais, étnicas e histórico-geográficas que, praticamente, seria não judaico aceitarem somente uma delas.

NOTAS

* Professor Doutor, no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM.

* Mestrando em Geografia pela UFU. Professor da rede estadual de ensino de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA, A. T. livro de Isaías. In BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Editora Paulus, 1995. p. 202-203. 1424.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural. Florianópolis, *Edufsc*, 1999.

CORDEIRO, H. D. *O que é Judaísmo*. São Paulo. Editora Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos), 1998.

ENCICLOPÉDIA JUDAICA: Jerusalém Israel. Editora Keter Publishing House, 2002. p. 687-713. v.8.

FAUSTO, B. (Org.). *Imigração e Política em São Paulo*. São Carlos, UFSCar Editora – Livraria da Universidade Federal de São Carlos. UFSCar. 1995.

FREIDENSON, M & BECKER, G. Passagem para a América: relatos da imigração judaica em São Paulo. São Paulo. *Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro*. 2001. 223 p.

GEIGER, P. P. O povo Judeu e o Espaço. In: *Território* n. 5, jul/dez. LAGET/ UFRJ – Rio de Janeiro, Gramond, 1998, pp 85- 104.

JOHNSON, P. *História dos judeus*. Rio de Janeiro, IMAGO, 1995.

MIZRAHI, R. *Imigrantes Judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro*. Cotia. Ateliê Editorial. 2001.

PÓVOA, C. A. *A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo*, Ed. Humanitas / FAPESP, São Paulo, 2010.

SAYAD, A. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo EDUSP. 1998.

SCHEINDLIN, R. *História Ilustrada do Povo Judeu*. Rio de Janeiro, Ediouro. 2003.

THE GEOGRAPHICAL AND CULTURAL EXTENSIONS OF THE DIASPORA AND THE NEW JEWISH COMMUNITIES

ABSTRACT: IN CONTRAST TO THE INTENTIONALITY OF PORTRAYING EUROPEAN JEWISH LIFE, THE MAIN GOAL OF THIS RESEARCH ON JEWISH HISTORY AND GEOGRAPHY IS TO HELP UNDERSTAND THE VARIOUS DIASPORAS OUTSIDE THE EUROPEAN PLACE AND ITS NOMENCLATURES, AS WELL AS TO UNDERSTAND THE NEW ENVIRONMENTS WHERE OTHER JEWISH COMMUNITIES "FORGOTTEN" AND "UNKNOWN" BY WESTERN TRADITIONAL COMMUNITIES CAN BE FOUND. THROUGHOUT THE CENTURIES, DIFFERENT JEWISH COMMUNITIES HAVE DEVELOPED IN A SINGULAR AND UNEQUAL WAY. HOWEVER, IT HAS BEEN FOUND THAT THE JEWISH DIASPORA IS MUCH LARGER THAN IMAGINED AND STUDIED. EVEN THOUGH THEY HAVE BEEN THROUGH CRISES IN WORLD HISTORY, THE JEWISH PEOPLE HAVE MAINTAINED THEIR HABITS AND TRADITIONS AND CREATED DIFFERENTIATED PERCEPTIONS ABOUT THEIR JEWISH HERITAGE AND THEIR JUDAISM, ADAPTING TO THE NEW REALITIES AS WELL

AS TO THE DIFFERENT TYPES OF SPACES, TERRITORIES AND PLACES IN WHICH THEY STILL LIVE IN THEIR COMPLEXITY.

KEY WORDS: JUDAISM; JEWISH COMMUNITIES; IMMIGRATION; CULTURAL GEOGRAPHY.

LAS EXTENSIONES GEOGRÁFICAS Y CULTURALES DE LA DIASPORA Y LAS NUEVAS COMUNIDADES JUDÍAS

RESUMEN EN CONTRASTE CON LA INTENCIONALIDAD DE RETRATAR LA VIDA JUDÍA EUROPEA, EL OBJETIVO PRINCIPAL DE ESTA INVESTIGACIÓN SOBRE HISTORIA Y GEOGRAFÍA JUDÍAS ES AYUDAR A COMPRENDER LAS DIVERSAS DIÁSPORAS FUERA DEL LUGAR EUROPEO Y SUS NOMENCLATURAS, ASÍ COMO COMPRENDER LOS NUEVOS ENTORNOS DONDE OTRAS COMUNIDADES JUDÍAS " OLVIDADOS "Y" DESCONOCIDOS "POR LAS COMUNIDADES TRADICIONALES OCCIDENTALES SE PUEDEN ENCONTRAR. A LO LARGO DE LOS SIGLOS, DIFERENTES COMUNIDADES JUDÍAS SE HAN DESARROLLADO DE MANERA SINGULAR Y DESIGUAL. SIN EMBARGO, SE HA ENCONTRADO QUE LA DIÁSPORA JUDÍA ES MUCHO MÁS GRANDE DE LO QUE SE IMAGINA Y ESTUDIA. A PESAR DE QUE HAN PASADO POR CRISIS EN LA HISTORIA MUNDIAL, EL PUEBLO JUDÍO HA MANTENIDO SUS HÁBITOS Y TRADICIONES Y HA CREADO PERCEPCIONES DIFERENCIADAS SOBRE SU HERENCIA JUDÍA Y SU JUDAÍSMO, ADAPTÁNDOSE A LAS NUEVAS REALIDADES ASÍ COMO A LOS DIFERENTES TIPOS DE ESPACIOS, TERRITORIOS Y LUGARES. EN EL QUE AÚN VIVEN EN SU COMPLEJIDAD.

PALABRAS CLAVE: JUDAÍSMO; COMUNIDADES JUDIAS; INMIGRACIÓN; GEOGRAFÍA CULTURAL.